

## A VIDA REINVENTADA: MOVIMENTOS SOCIAIS E MOVIMENTOS AMBIENTALISTAS NO BRASIL

### The recreated life: Socially and environmentally-commited groups in Brazil

Carlos Rodrigues Brandão

Professor e Pesquisador do Dep.de Antropologia da Universidade Estadual de Campinas

Maristela Corrêa Borges

Graduada em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia

Artigo recebido em 10/8/2004 e aceito para publicação em 20/09/2004

#### RESUMO:

*O ambientalismo é um fenômeno de amplitude crescente, com tendência à permanência. Os movimentos ambientalistas e/ou ecológicos situam-se no campo das neo-instituições de ação social, entre os novos movimentos sociais. Por outro lado, situam-se também no campo de uma pluralidade de vocações pessoais e de instituições vocacionadas à Natureza, tendo esta como valor de referência. A busca pelo ponto de equilíbrio entre Natureza e Sociedade; ambiente e cultura aproximou o cientista e o militante, estabelecendo novas bases dos movimentos sociais em favor da Natureza. Os novos movimentos sociais estendem-se em todas as dimensões sociais e culturais, que diferenciados entre si, convergem em direção a objetivos comuns, aspirando dissolver o poder político e econômico em diversos domínios descentrados de poder civil, partindo, principalmente, da busca pela transformação das éticas de vida. Eles surgem como uma alternativa civil de resposta crítica aos rumos dados pelo capital ao desenvolvimento econômico. Muitas vezes divergentes entre si, os novos movimentos sociais tendem a uma contínua e crescente formação de redes e de frentes de mútuo apoio e de trabalho posto em comum. Instituições que mesmo quando não possuem como primeiro qualificador o termo "ambientalista", declaram vivenciar vocações e possuir vínculos orgânicos essenciais com o movimento ecológico, em alguma esfera específica de seus objetivos de ação social.*

**Palavras-chave:** ambientalismo, movimentos sociais, natureza, sociedade e cultura.

#### ABSTRACT:

*The environmentalism is a phenomenon that have been increased day by day and it trends to be continue. The ecologically and environmentally-commited groups are settled up and included among the new social institutions. Besides, they are included in the field of the several personal vocations that drive people to organize parties vocated to take care about the Nature. The cientist and the activist have joined together in search of the balance point regarding the Nature, the Society, the Culture and all the environment in order to estabelish new basis to protect and preserve all the ecologic sistem. The new socially-commited groups to spread and extend in all cultural and social dimension. Although these movemets have its peculiarity, or whether some institution is not labeled as an environmental organization, they show a natural vocation to protect and preserve the Nature. So, this way, they go ahead toward to the same direction looking for a common view whose priority is to provide the polical and economic power balance, mixing*

*strategies in order to be succeed economically, acting by the ethics, without lose the respect for the enviroment.*

**Key-words:** Environmentalism, Socially-commited groups, Nature, Society, Culture.

---

*Um homem se propõe a tarefa de desenhar o mundo. Ao largo dos anos povoa um espaço com imagens de províncias, de reinos, de montanhas, de baías, de naves, de ilhas, de peixes, de habitações, de instrumentos, de astros, de cavalos e de pessoas. Pouco antes de morrer, descobre que esse paciente labirinto de linhas traça a imagem de seu rosto.*

Jorge Luis Borges

## INTRODUÇÃO

Os movimentos ambientalistas que surgiram nos últimos tempos vêm carregados de novos significados, assumindo as novas tendências dos movimentos sociais. Estão cada vez mais presentes nas ações de grupos sociais, mesmo naqueles que à primeira vista podem não se identificar com o ambientalismo, mas que acabam se interligando de forma indireta, ou até mesmo direta, a ações vocacionadas para a Natureza. Situados no campo dos novos movimentos sociais, eles permeiam várias manifestações de grupos e entidades que se organizam em dimensões mais profundas de mudança social.

Em um passado próximo, as associações e os movimentos estavam voltados para questões específicas, como os dirigidos à questão da saúde, ou da terra, ou ambiental. A tendência atual é o surgimento de esferas de integrações entre tais questões e, por consequência, entre setores de um mesmo tipo de movimento, em uma interação crescente com/entre movimentos convergentes. Desta forma, um grupo de luta pela terra, com forte cunho político e econômico pode estar diretamente relacionado com movimentos ambientalistas, pois encontram entre suas metas de lutas linhas que se conver-

gem numa dimensão mais ampla. Ao lado disso, crescem as demandas por uma maior integração/ interação entre os diversos movimentos, deslocando a unidade social da ação social efetiva da dimensão restrita de cada um para a formação de *redes*, de *teias* e *alianças*.

Em quase todos aqueles que, de modo indireto ou indireto, estão inseridos na causa ambiental, existe um quase-culto à Vida, com um novo olhar sobre o ambiente, visto agora, principalmente, como o lugar da experiência da vida humana. Neste sentido, estaremos falando tanto do *Instituto de Pesquisas Ecológicas – IPE*, em Nazaré Paulista ou do *Instituto Sócio Ambiental de São Paulo*, quanto da *Associação Brasileira das Comunidades Alternativas – ABRASCA*; tanto da *Associação Ambientalista das Bacias do Rio Verde e do Rio Soberbo – “Águas Claras”*, do Sul de Minas Gerais, quanto do *Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais – NEPAM*, da UNICAMP.

É a respeito desta sonoridade múltipla e de suas convergências e diferenças de sinfonias e de harmonias que pretendemos falar, procurando, pelo menos, compreender o que de fato está acontecendo, não tanto em nível das estruturas formais da sociedade, mas do lado vivo dos acontecimentos cotidianos, que estabelecem as irmandades, as cumplicidades, as vizinhanças, os distanciamentos, sem as quais nada do que é humano é também social e nada do que, sendo uma coisa e a outra, descobre enfim a sua vocação ambiental.

## O VALOR-NATUREZA E A VOCAÇÃO-AMBIENTE

Há um fenômeno muito evidente em nossos tempos: Uma “volta à natureza”. Não é a primeira

vez e não será, esperemos, a última. Séculos passados, próximos, como o XVIII e o XIX, cada um a seu modo, entre Rousseau e Thoreau, assistiram a algo semelhante. Mas o que acontece agora nos é duplamente importante. Em primeiro lugar porque está ocorrendo agora, diante de nossos olhos. Em segundo lugar porque é um fenômeno de uma amplitude crescente. Quase se poderia dizer — anos após o começo de “tudo isto” — que o ambientalismo não é uma moda passageira. Ao contrário, ele não apenas não parece ser, como cada vez mais parece estar dentro de todas ou quase todas as modas que se sucedem nos últimos 10 anos, pelo menos.

Com o olhar mais costumeiro e, por certo, mais adequado, devemos situar os *movimentos ambientalistas* e/ou os *movimentos ecológicos* no campo das neo-instituições de ação social e, de maneira particular, entre os *novos movimentos sociais*. No entanto, como um outro olhar podemos situá-los dentro do campo, ou na vizinhança próxima a uma pluralidade de vocações pessoais e de instituições vocacionadas à natureza. A que círculo de convergências e de cumplicidades podemos convocar pessoas e grupos sociais auto-identificados como: “ecológicos”, “ambientalistas”, “preservacionistas”, “conservacionistas”, “naturalistas”, “naturistas” (incluindo os “nudistas”, que de vez em quando reclamam haverem sido os primeiros ambientalistas), “esotéricos-naturalistas”, “militantes populares relacionados à terra e ao território (como a “associação dos povos da floresta”, o “movimento dos trabalhadores rurais sem-terra” e outros tantos), os “religiosos” e/ou “espiritualistas” de vocação francamente “cósmica” e pan-natural?

Pois algo em comum os aproxima, mesmo quando alguns provenham de um ramo tido por outros como “cientificista demais” ou, em direção oposta “nova-era demais”. Em todos a identidade da pessoa e a de grupos — como uma associação científica, um movimento militante ou uma unidade religiosa — são re-escritas através do chamo aqui: o *valor-natureza* e a *causa ambiental*. Chamá-los de “verdes” é pouco; é quase uma ofensa por omissão. Em todos, mas através de símbolos, de imagens e

de idéias bem diversificadas, uma conversão à natureza é um solo sobre o qual se apóia tudo o mais. A natureza em si mesma, a natureza como um valor de referência que, não raro, quase inverte a direção cultural costumeira dos relacionamentos sociedade-mundo natural, a natureza tornada um desejado cenário afetuosamente íntimo que enlaça e acaba por envolver a própria existência da pessoa a ela “convertida” e, de então em diante, um alguém que pesquisa, que escreve e ensina, que milita ou que ora a prece e vive a vida em seu nome — ou também em seu nome — como que pagam traços e dissolvem cores e retraçam outros e repintam com outras cores a própria identidade do sujeito social para quem, desde então, o próprio “social” de suas referências é, no melhor sentido possível do termo — naturalizado. Em nome da própria Vida a ser preservada e, se possível, recriada, uma vida pessoal pretende ser reinventada.

Em alguns de seus escritos Walter Benjamin cunha a expressão “lado da vida”, por oposição ao que poderíamos chamar de “lado do sistema”. Longe dele, por certo, um viés de tipo ecológico, pelo menos no sentido em que estas palavras nos são comuns. Mas a sua imagem bem poderia ser trazida para cá, e com justeza poderia servir como uma fórmula feliz de identidade. Pois um muito diferenciado quase-culto à Vida está presente em quase todos os pontos do gradiente das pessoas e dos coletivos devotados de algum modo direto ou indireto à questão ambiental em nome de uma vocação serviço à causa da Vida. A uma causa que toma o próprio ambiente como o também lugar da experiência da vida humana. Isto é, da sociedade. Isto é, ainda, de uma vida e um destino ancestralmente em busca de encontrarem um ponto de fecundo equilíbrio entre a natureza e a sociedade (= a natureza socializada), entre o ambiente e a cultura (= o ambiente socialmente transformado e dotado de símbolos e de significados).

Este chão comum aproxima uma devota Brama Kumaris de uma jovem ecóloga investigadora e ambas de um militante fervoroso de uma “causa ambiental”. Ainda que possam divergir — e este é

também um solo de férteis escolhas divergentes e polêmicas em todas as direções — todos se reconhecem como pessoas e grupos de sentido e de ação onde o valor-natureza e uma assumida vocação a alguma forma de “luta” ou pelo menos de presença atenta em nome de alguma “questão ambiental” atravessa o fiel devoto, o cientista pesquisador e o militante ambientalista.

Este é um dos motivos pelos quais estou abrindo um pouco mais o leque dos nomes com que nos tratamos, para sugerir a existência múltipla de *movimentos sociais em favor da natureza*, em cuja linha de frente quero situar os *movimentos ecológicos* e/ou os *movimentos ambientalistas*. Ao falar deles desde este ponto de vista, estarei falando tanto do *SOS Mata Atlântica* quanto do *Movimento pela Consciência de Krishna*, tanto do *Instituto de Pesquisas Ecológicas – IPE*, em Nazaré Paulista ou do *Instituto Sócio Ambiental* de São Paulo quanto da *Associação Brasileira das Comunidades Alternativas – ABRASCA*. Finalmente, tanto da *Associação Ambientalista das Bacias do Rio Verde e do Rio Soberbo – “Águas Claras”*, do Sul de Minas Gerais quanto do *Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais – NEPAM*, da UNICAMP.

Existem três tipos de *movimentos*, diz Alain Touraine: os *movimentos sociais*, os *movimentos culturais* e os *movimentos históricos*<sup>1</sup>. Vejamos como:

Começando do fim para o princípio de seu artigo, ele sugere que no passado recente todos os *movimentos* “eram limitados”, porque os seus campos de ação, ou seja, “a capacidade de a sociedade produzir-se a si mesma”, eram também limitados. As alternativas de gestação de experiências históricas através das estruturas de padrões culturais estavam circunscritos por “garantias meta-sociais da ordem social”, em tempos em que “as pessoas

pensavam que viviam em um microcosmo incluído em um macrocosmo cujas leis impunham uma definição da natureza humana e das normas de legitimação social”<sup>2</sup>. Ora, os *movimentos sociais* de então referiam-se a algum princípio meta-social cujo nome poderia ser: “ordem das coisas”, “preceito divino”, “lei natural” ou “evolução histórica”. A própria idéia de “modernidade” é um dos derradeiros princípios meta-sociais. E a idéia de “pós-modernidade”, será o quê?

Nos tempos de agora, isto é, no momento histórico do surgimento dos *novos movimentos sociais*, tendemos a acreditar que nossas capacidades a respeito de coisas como: auto-produção, auto-transformação e auto-destruição são — ou tornaram-se — sem-fonteiras, ilimitadas. De um tempo ao outro demos não um salto, mas um quase vôo de qualidade. As sociedades industriais capacitaram-se a transformar “meios de produção” e a criar instrumentos mecânicos e sistemas de organização em vários planos. E as sociedades em que surgem os “novos movimentos” instauraram tecnologias de produção de bens simbólicos, de linguagens e de meta-linguagens, de informações e de sistemas cada vez mais complexos de comunicação (intra e inter, meta e trans). Elas aprenderam a criar e a produzir não somente os “meios”, mas também os “fins” da produção. Assim também os das demandas e das representações. Elas tomaram o controle da possibilidade de estender o poder de transformação às esferas mais ilusoriamente íntimas da experiência interativa da vida pessoal: nossos corpos, nossa sexualidade, nossa vida mental, nossas identidades, lembraria o Stuart Hall de nossas primeiras páginas. Toda uma colonização da vida cotidiana lembrará o Habermas de algumas linhas adiante.

“O resultado disto é que o campo dos *movimentos sociais* estendeu-se a todos os aspectos da vida social e cultural”<sup>3</sup>. Público e privado, pessoal e coletivo, formal e informal, classe

---

<sup>1</sup> An introduction to the study of social movement. *Social Research*, vol. 52, n° 4 Winter 1985, p. 776.

<sup>2</sup> Touraine, op. cit. p. 778.

<sup>3</sup> Touraine, op. cit. p. 778.

e etnia, social e ambiental, masculino e feminino, poder e saber, ciência e política, política e cidadania civil, trabalho e lazer, local e regional, regional e universal, global (de “globalizado”) e planeta (de “planetarizado”) emergiram como categorias polares e interconectadas. Interativas não apenas na visibilidade de seus pares mecânicos, mas, sobretudo nas incontáveis intercomunicações entre seus pólos e feixes de produção de novos sentidos, de novas alternativas de ações e, claro, de novas configurações de conflitos.

Trago aqui um exemplo simples e bom para pensar. Ele nos acompanhará daqui em diante. Onde existiam no passado próximo *associações* e *movimentos sociais* dirigidos à “questão da saúde”, à “questão da terra” e à “questão ambiental”, tendem a surgir de agora em diante esferas de integrações entre tais questões e, por consequência, entre setores de um mesmo tipo de *movimento social* na interação crescente com/entre *movimentos* convergentes. Isto não acontece apenas desde um ponto de vista dos campos de algum modo afim de vocação da ação social: a saúde humana, a terra e os direitos populares à terra, o território e a preservação ambiental. Isto começa a acontecer também entre estilos diferenciados, mas convergentes — ao olhar de agora — de *movimentos sociais*: *movimentos populares*, *movimentos “de igreja”*, *movimentos pelos direitos humanos* (*feministas* incluídos), *movimentos ambientalistas*, *movimentos pacifistas*.

Na mesma direção coexistiam *movimentos* de antiga orientação classista, onde “o povo” era percebido como a razão-de-ser, como o sujeito fundador e como o beneficiário dos processos de transformação social ampla ou restrita e/versus *movimentos* até pouco tempo atrás caracterizados pelos primeiros como “de classe média” ou até “da burguesia”. Coexistiam e, em alguma medida coexistem até agora, *movimentos* de agenda social francamente política e de submissão do sujeito e de

sua identidade a uma ou mais dimensões impostas por um marcado sentido de “coletivo” e/versus *movimentos* orientados à reconstrução política da sociedade, mas agora em nome de uma afirmação fundadora dos direitos individuais da pessoa sobre qualquer outra ordem ou dimensão da vida política e, por extensão, social.

O *movimento social* é uma das três modalidades de *movimentos* na sociedade. Ele tem a ver com o trabalho de alianças e conflitos destinados ao controle e a atribuição de sentido em alguma dimensão da estrutura de padrões culturais: o conhecimento, a ciência, a ética, a religião, a relação homem-natureza.

O *movimento histórico* envolve o complexo de ações sociais destinadas ao controle da passagem de um tipo de sociedade a um outro. É este o *movimento* que se relaciona com o poder de Estado através de conflito direto<sup>4</sup>.

Uma complexidade próxima de metas caracteriza também o *movimento cultural*.

Ele não deve ser compreendido como um reduto limitado de luta por inovações em setores da cultura. Ao contrário, *os movimentos culturais* são um tipo de unidade social de ação motivada para as quais toda e qualquer transformação agenciada de padrões e de valores culturais possui um poder de urdidura nos processos de conflitos e nas mudanças desejadas da sociedade. Em que sentido? No sentido de que as alterações mais estruturais do tecido social sugerem haverem sido, elas próprias, modificadas em sua substância a partir de processos de uma alteração significativa e antecipada de símbolos, de conhecimentos e de valores culturais. Com fórmulas muito diferenciadas, é comum no ideário de vários *neo-movimentos* a idéia de que toda a mudança a ocorrer um dia num complexo social, deverá acontecer antes em sistemas de valores, em

---

<sup>4</sup> Nevertheless, historical movements, as I already mentioned, are not completely separated from social movements because they combine a class dimension with a national and modernizing one, as is visible both in communist movements and in national-popular regimes. Touraine, op. cit. p. 776.

mentalidades e em motivações para a ação. E estas mudanças de visões e valores dependem, por sua vez, de verdadeiras conversões pessoais e interiores “da mente e do coração”. Voltaremos a isto.

O exemplo dado por Touraine é o dos *movimentos feministas*<sup>5</sup>. Ele poderia haver dado também o exemplo de uma boa parte dos *movimentos em favor da natureza*.

Esses novos movimentos sociais e/ou culturais não aspiram tomar o poder. Aspiram dissolver o poder do Estado e o poder da empresa capitalista que empresta ao Estado o seu poder, em diferentes domínios de partilha cidadã de um múltiplo e descentrado poder civil, mais do que público<sup>6</sup>. Eles não pretendem atingir o coração da causa única dos malefícios socioculturais de um restrito lugar social, ou até mesmo de todo o “mundo atual”. Pretendem propor novas ou outras alternativas de direção solidária da vida social, assim como outros *ethos* e outras éticas de vida pessoal e de orientação das interações múltiplas da vida, inclusive da “vida como natureza”, vivida e pensada como meio ambiente. Convergentes e fragmentadamente interligados, eles são e aspiram seguir sendo unidades-autônomas-em-redes-descentreadas. Unidades e teias e redes-de-unidades sem eixos “meta-sociais” de direção. Sem eixos centralizadores e sem agentes protagônicos

únicos, embora com eventuais sujeitos beneficiários preferenciais. Sem um lugar central dado a um tipo de *movimento social* condutor de processos de transformação, em nome de uma especial qualidade política de sua ação social.

Uma agenda dirigida à conquista de parcelas ou do todo do poder público e negada em parte ou no todo, hoje em dia, fundava o andar térreo dos *movimentos sociais “tradicionalis”*, cujos sucessores de modo algum aceitam o “tradicional”, adjetivo que durante anos utilizaram para qualificar os seus oponentes<sup>7</sup>. Uma pequena seqüência de aspectos que espero poder aprofundar adiante, merece ser adiantada aqui. Construídos sobre princípios meta-sociais, tanto no espírito da crítica da sociedade, quanto na proposta de sua transformação mais ou menos ampla, os *movimentos populares* apresentavam-se como uma alternativa à “dominação da tradição” dos “princípios naturais”. Em uma outra direção de crítica e de proposta alternativa, os *novos movimentos* constituem como o seu alvo de “causas sociais” e de “frentes de lutas categorias como: o utilitarismo, o interesse pelo sucesso individual e pelo ganho material, o egotismo e o consumismo; enfim, os valores da lógica da sociedade pós-industrial e do “modelo néo-liberal”. Mas não a estrutura de forças do centro social de seu poder.

---

<sup>5</sup> Touraine, op. cit. p. 776 e 777.

<sup>6</sup> Entre algumas outras pessoas de que li ou ouvi isto, as palavras de Marilena Chauí são as que ao meu ver traduzem de maneira mais clara um princípio liberal antigo, quase sempre esquecido. Sem o mencionarem muitas vezes, os *movimentos sociais* que possuem em palavras como: “cidadania”, “direitos humanos”, “participação”, “democracia real” e outras, os qualificadores centrais de seus ideários, partem do princípio de que a experiência cidadã na construção da democracia participativa não está na distribuição justa e eqüitativa das mesmas leis de direitos estendidas a todas as pessoas, leis estas escritas e alteradas por sujeitos “delegados”. Ela está no chamado ao direito e ao dever estendido a todas as categorias de pessoas e a todas as pessoas individuais de cada categoria de atores sociais, de a todo o momento criarem e modificarem as suas próprias leis, os seus próprios princípios de vida, as suas próprias gramáticas jurídicas ou não de significação da vida e de orientação das relações naturais e sociais da vida.

<sup>7</sup> Se bem que isto era muito marcadamente dual. Assim, entre os *movimentos de cultura popular* dos anos 60 e não dos anos 70, o valor “tradição” era lido em sua radical dualidade. Pois em um trabalho político através da cultura e, de modo especial, através de uma *educação popular* as tradições de raiz dos povos do “povo” (de camponeses a negros, de indígenas a operários) deviam ser redescobertas, resgatadas e “devolvidas” a seus criadores com novos sentidos e com um desejo de poder de redundar uma própria “cultura nacional”. Muitas páginas na América Latina e mesmo na Europa foram gastas para se pensar esta difícil relação cultural entre o “popular” o “nacional”. Gransci foi então uma fonte de forte inspiração não somente para os militantes marxistas. Interessante verificar como os movimentos seguintes vão revisitar toda esta questão, inclusive, em alguns casos, após e através da constituição (não raro multiforme e confusa) dos movimentos norte-americanos de contracultura. Outra coisa é a “tradição” conservadora das “culturas dominantes”, cujos valores, símbolos e significados eram impostos às culturas populares e as tornavam, então, “alienadas”, incapazes de refletirem para elas próprias a sua condição, as causas desta condição e as alternativas políticas de superação.

E eles “defendem o self e sua criatividade contra o interesse e o prazer”<sup>8</sup>. A dominação social e a hegemonia cultural injustas e indesejadas não são compreendidas como algo que pode ser desafiado através de um apelo militante a causas meta-sociais. Elas são algo que pode ser alternativamente mudado a partir de um forte apelo à livre responsabilidade solidária e a uma vontade pessoal de transformação das éticas de vida. E estas éticas não são orientadas por rígidos princípios de um ideário cristão, por exemplo, ou por uma postura marxista da conduta política no curso da história ou na rotina do cotidiano.

Este é um dos motivos pelos quais, em nome de uma busca pessoal de si-mesmo através da participação em “causas e lutas” conduzidas por uma adesão voluntária ao estilo de um *movimento social*, a pessoa militante pode se sentir livre para transitar, ao longo de sua biografia de ator social motivado, entre um tipo de movimento e outro. Pode oscilar entre uma escolha de adesão e outras, entre um sistema de sentido ancorado no imaginário e na gramática de participação de um tipo de movimento e um outro. Um outro, alternativo, ou outros, múltiplos, vividos em uma sucessão ou “assumidos” de uma só vez.

Na tangência de contra-valores que a maioria dos *novos movimentos sociais* atribuem ao imaginário e à ética da sociedade de consumo, os valores de uma “política do eu”, centrados sobre a auto-realização (= a construção às vezes quase espiritual de si-mesmo), sobre a criatividade pessoal e interativa e sobre o sentimento de entrega da vida a uma causa solidária, plena de sentido e de afeto, podem criar os laços que sustentam a vida “intra” e “inter” dos *novos movimentos sociais*.

Faço aqui uma pequena digressão que poderia ser útil para entendermos este assunto com mais detalhes:

Como os estudos sobre as diferenças entre tempos e modos dos *movimentos sociais* realizam

uma sociologia impessoal que deixa de lado aspectos mais propriamente simbólicos, mais afetivamente culturais e mais culturalmente intra e inter pessoais, algumas evidências acabam sendo esquecidas. Existe uma desigualdade de estilos e destinos que marca também a diferença entre categorias de movimentos. Que me seja permitido uma vez mais trabalhar por um momento a metáfora das agendas-calendário. É que acho que poucos “livros” são mais marcados de uma “fala direta” a respeito de um ideário e de um programa de vida, do que a agenda anual. Afinal, ela pode ser um livro que obrigatoriamente se abre e se lê a cada dia. Uma breve leitura comparada de agendas destinadas a militantes de *movimentos populares*, tal como a *agenda latinoamericana*, das costumeiras *agendas ecológicas* e das muitas e variadas *agendas exotéricas*, é um bom exercício para se pensar. Percorramos os seus dias, isto é, os seus símbolos. A *agenda latinoamericana* é algo mais do que o retrato de um projeto de base meta-social, ela é metahistórica. Já a própria capa a cores convoca a uma “Pátria Grande, Pátria Mundial”. Eis uma mensagem de orientação de movimentos populares quase sempre vinculados a algo maior e com um forte apelo: o *movimento ecumênico* e, no horizonte maior, “a missão do cristão no mundo”. Esta mensagem é dirigida a cada dia através da lembrança e da palavra de militantes, leigos e religiosos cristãos, cristãos e não-cristãos, do passado e do presente, vivos e sacrificados em alguma forma de martírio. E eles falam como “sinal de comunhão continental e mundial entre as pessoas e as comunidades que vibram e se comprometem com as Grandes Causas da Pátria Maior” (página de rosto). Há um projeto metahistórico e universal a realizar: nada menos do que a construção de uma humanidade una, livre, solidária e feliz em plenitude. Há um inimigo declarado: o “projeto néo-liberal” e o processo de “globalização” por ele conduzido. Há um sujeito fundador da ação presente e da sociedade universal futura: as mulheres e os homens do povo no Brasil, na América Latina e, agora, de todo o Mundo. Um sujeito múltiplo: povos indígenas, herdeiros das tradições afro-latinoamericanas, trabalhadores do

---

<sup>8</sup> Touraine, op. cit. p. 779.

campo e da cidade; um sujeito convergente em ser, ao mesmo tempo, o “excluído” e o chamado a construir o mundo da não-exclusão. Todas e todos os “chamados”, são construtores de uma história absoluta, através da qual a humanidade poderá aspirar sair de um amplo sistema injusto e opressivo, para uma ampla sociedade humana enfim libertada. Trata-se de não menos do que isto.

As agendas-calendário de vocação ambientalistas realizam uma outra — mas não exatamente oposta — convocatória de sujeitos para a participação. O “horizonte” a construir (ou, no caso, a “preservar”) não é mais uma “Pátria Grande”, no sentido de humanidade libertada, mas e a própria natureza, o mundo natural em alguma de suas dimensões. Um mundo visto ao avesso ou, quem sabe? Na posição correta e da qual o próprio ser humano participa como um elo da vida. Um elo entre outros, mas um elo pensante e que pode determinar com os seus atos e omissões o destino de todos os outros. Entre apelos a ação local e uma sempre presente visão planetária, cósmica mesmo em alguns casos, os sujeitos a quem a agenda se destina são mulheres e homens sensíveis à natureza. São já agentes ambientalistas, ou simpatizantes da “causa da natureza”. São pessoas urbanas em maioria (nunca vi uma destas agendas no mundo rural, a não ser no “alternativo”) e quase sempre com uma história presente ou passada na Universidade. As notícias e as mensagens influídas entre os “dias do ano” ou dentro deles, fazem sempre referência a dados, a denúncias ou a idéias e propostas (agendas de ação) de teor ambiental. Há um forte sentimento de responsabilidade, e um “nós” estabelecido pelo elo “nós aqui”, “todos nós no Mundo”, “toda a vida e nós”, é o diferenciado sujeito modelo ou leitor.

É exatamente isto o que a maioria das *agendas exotéricas* inverte. Nelas o sujeito a ser transformado, “encantado” ou “re-encantado” é uma pessoa já ou a ser centrada em si mesma. Da “Pátria Grande” à “Grande Vida”, chegamos a um “Eu” absoluto. Toda a mensagem é dirigida ao aprimora-

mento sem fim de “eu mesmo”. Os dados de uma realidade sóciopolítica, os de uma realidade sócio-ambiental deslocam-se para cenários de misteriosa e encantadora fantasia. Anjos, astros (e o seu destino), duendes e outros “seres e forças” do Cosmos ou da Natureza substituem os índios da Amazônia ou o Mico Leão Dourado da Mata Atlântica. Os dias não são mais assinalados pelos fatos das “lutas populares” ou das candentes “questões ambientais”, mas por referentes de uma pan-relação Eu-Cosmos. O que importa a cada dia são as suas energias, os seus fatores de influência sobre uma pessoa centrada em uma única transformação, a de si-mesma... para si-mesma, na maioria dos exemplos.

Não sustentam a motivação do seu trabalho com imagens de sociedades ideais, mas sobre as imagens de uma busca constante de criatividade e de alternativas inventivas diante do que existe como está e deve ser transformado<sup>9</sup>.

De uma maneira diversa de como os *movimentos populares* estabeleciam e, em alguns casos, seguem estabelecendo a relação entre o seu ponto de partida e o seu horizonte de chegada, o que caracteriza a maior parte dos *novos movimentos sociais* é a consciência de que estamos todos ingressando em novos tempos de vida cotidiana e de sentido de história. Um trânsito que acontecerá não mais através de uma passagem mecânica de um tipo de sociedade para um outro, mas sim por meio de transformações progressivas e progressivamente radicais na vida cotidiana; nas relações interpessoais de trocas de bens, de serviços e de sentidos, nas ciências; nas mentalidades, nas motivações e nos afetos humanos.

Isto porque, ao se ver o Mundo desde o olhar dos *novos movimentos sociais*, acredita-se que mulheres e homens do capitalismo não se transformam em novos sujeitos socialistas quando uma porção geográfica do Planeta passa de um regime político a um outro. Ao contrário, algo polissêmicamente semelhante a uma “conspiração aquariana”

---

<sup>9</sup> Touraine, op. cit. p. 779.



acontece quando de múltiplos lugares, através de múltiplos processos de transformação de modos de ser, sentir, pensar e interagir, as pessoas e as suas unidades civis de partilha da vida e de destinos transformam-se a si mesmas. Transformam outros pelos exemplos de seus gestos. E transformam esferas de uma espiral ascendente de Vida no Mundo, através da irradiação progressiva de círculos de novas idéias, de novos sentimentos e de novas pessoas.

Novos paradigmas, novos modelos holotrópicos de “ver” e de pensar, novas formas de criar conhecimento e fazer ciência, novas atitudes pessoais para com “o próprio eu”, para com “o meu outro”, para com “a vida e o mundo”, uma nova compreensão de que, de um modo ou de outro, todas e todos são chamados e devem estar presentes em e convocados a participar. Na sua multiforme realidade nunca acabada, os *movimentos sociais* ampliam como nunca antes a possibilidade de clientes da sociedade virem a se transformar em agentes realistas ou sonhadores de transformação social. De algo que pode começar “no meu bairro” e unir-se em redes sem fim ao que poderá acontecer “em todo o Planeta”. Em todo o Universo, dirão aqueles que anunciam carregar o Cosmos dentro do coração. Nada menos e nada mais do que isto e “tudo isto”, através de uma lenta, complexa, irradiante e irreversível transformação de “si mesmos” e dos círculos de relações estendidos a todas as coisas em todos os planos da vida social e da própria Vida. Não mais as “meta-coisas”, mas as muitas diferentes “coisas” das metas de uma múltipla nova vida<sup>10</sup>.

Um artigo de Jurgen Habermas pode ser oportuno aqui.

O *movimento social* torna expandida e efetiva a possibilidade da ação comunicativa. Ele

também pode responder por uma virada de direção das ações-com-respeito-a-fins. Pois os seus “fins” podem deslocar-se do motivo centrado no lucro e na acumulação de poder e de bens, para motivos centrados na construção solidária de formas alternativas de vida entre as pessoas, entre as pessoas e as instituições sociais e — acrescentemos — entre pessoas, instituições e o mundo natural<sup>11</sup>.

Esses movimentos começam a emergir em um mundo onde antigos e novos conflitos sociais surgem em três campos de relações: o da reprodução cultural, o da integração social e o da socialização. Mesmo nos países do Primeiro Mundo o Estado responde apenas de maneira formal e limitada à multiplicação dos conflitos sociais. E nem nele e nem em qualquer instância social anterior existem condições adequadas e plenas de respostas aos conflitos emergentes, assim como a um desejo de ampliação da vida e dos sentidos da vida característicos de nossos tempos.

Para um número crescente de pessoas em todo o mundo, as questões cruciais não estão mais limitadas aos proveitos desejados da apropriação de bens, de serviços e de poderes desigualmente partilháveis. Não podem também ser resolvidos sob os esquemas antigos: as esferas sociais de produção e circulação de bens *versus* as esferas culturais de criação e partilha de sentido de vida, como a religião, por exemplo. *Movimentos sociais* e unidades culturais semelhantes aspiram poder congregar atores e criar múltiplas pequenas comunidades e redes de respostas a questões que cada vez mais têm menos a ver com a distribuição de recursos e têm cada vez mais a ver com problemas relacionados a “gramáticas de formas de vida”<sup>12</sup>.

Tanto a Leste quanto a Oeste do Mundo, em sociedades dominadas por socialismos do Estado

---

<sup>10</sup> Alain Touraine diz mais ou menos isto, da seguinte maneira: *In situations which are generally interpreted in terms of participation or exclusion, of conformity and desviance, the idea of social movements introduces a different approach because it tries to evaluate the capacity of various categories to transform themselves into actors of their own situation and of its transformation.* Touraine, op. cit. p. 783.

<sup>11</sup> *New social movements*, in *Telos*, n° 49, 1981, p. 33 a 37.

<sup>12</sup> Jurgen Habermas, op. cit p. 33.

ou por regimes capitalistas em qualquer um dos seus estágios, a lógica dos processos e das estruturas sociais de produção de bens e de serviços têm provocado efeitos perversamente erosivos sobre a vida das pessoas. Sobre as suas vidas privadas e sobre as alternativas dos relacionamentos humanos em todos os seus planos. Enfim, sobre uma efetiva qualidade profunda de vida e sobre a os nossos relacionamentos com a natureza.

Há uma referência nada original, mas muito importante feita por Suzanne Berger, tal como a encontrei em um fim de página de um artigo de Claus Offe<sup>13</sup>. Ela recorda que desde os começos dos anos 70, os protestos dos *novos movimentos sociais* europeus não estavam dirigidos ao fracasso do estado e da sociedade na promoção do crescimento econômico e da prosperidade material. Estavam dirigidos, ao contrário, ao seu evidente sucesso em realizar uma coisa e a outra. Estavam dirigidos ao preço e aos custos sociais e ambientais de tal sucesso. Não queriam fazer a crítica do que não aconteceu, mas a crítica do que aconteceu, do como aconteceu e do porquê aconteceu desta maneira e não de uma outra.

A diferença entre eles (o Primeiro Mundo) e nós (todos os “outros”) e a diferença entre alguns de nossos *movimentos sociais* e os deles, é que “aqui” nós enfrentamos, direta e indiretamente, o alto preço de um tal sucesso realizado longe daqui, ou no interior perverso de alguns bolsões mal distribuídos de riqueza e prosperidade esparsamente localizados “aqui”. Enfrentamos o eco perverso de tais proveitos, sem haver realizado democraticamente entre nós e a favor de todos nós, nem um efetivo crescimento econômico e nem uma verdadeira prosperidade material. Não custa rememorar que a década dos 80 — os dez anos de uma enorme proliferação quantitativa e qualitativa dos *novos movimentos sociais* — foi a nossa “década perdida” da economia e, por extensão, de uma consistente justiça social.

Sobretudo a Norte do Ocidente os *movimentos sociais* surgem como uma alternativa civil de resposta crítica aos rumos dados pelo capital ao desenvolvimento econômico. Tomados no seu todo e postos lado a lado os *movimentos sociais populares* e os *novos movimentos sociais*, eles se distribuem, com muitas variações entre estes dois cenários de vocação. Primeiro: a proposta diferenciada de ajustes simples ou mais complexos na lógica do desenvolvimento local e globalizado, pois a médio e a longo prazo trata-se de reformular visões, de rever e corrigir sistemas e atos de produção de bens, de serviços e de sentidos, de criar novas culturas, outros olhares, outras sensibilidades, uma outra múltipla ética, enfim, uma ampla e irreversível “humanidade sustentável”. Segundo: a proposta de decolagem de um outro modelo político de produção de bens, como uma sociedade socialista, pois não se trata de alterar o teor do estilo de poder no processo da produção. Sabemos que a União Soviética foi atroz em tudo o que toca a questão do meio ambiente, e não foi feliz no que se relaciona à qualidade de vida. Trata-se de rever na sua totalidade o próprio sentido de “produção” e de “reprodução” do que quer que seja: bens materiais, formas de poder, pessoas humanas, tipos de vida social, relacionamentos e identidades.

É bem verdade que os proponentes de um projeto consistente e irreversível de *desenvolvimento sustentável* advogam que defendem uma transformação progressivamente radical de dimensões substantivas da vida social. Mudanças profundas de efetivas estruturas sociais de produção, assim como da lógica de seus modelos em todas as esferas. Transformações progressivas, enfim, de uma ética cujo poder de operar mudanças interiores, interativas e integradas em todas as esferas da vida social, haveria de ser mais efetiva do que uma tomada radical do poder associada à imposição de um novo sistema político e econômico de gestão da sociedade.

Por toda a parte e sob qualquer tipo de sistema de poder, vivemos todos um crescendo de

---

<sup>13</sup> *New social movements: challenging the boundaries of institutional politics*, *Social Research*, vol 52, n° 4, Winter 1985, pgs. 817 a 867. A passagem de Susanne Berger está na página 847.

micro estruturas e processos de colonização da vida. Da vida realizada como o projeto de história, ou de suas múltiplas e sempre provisórias histórias (inclusive a daqueles que afirmam o “fim da história”). Da vida cotidiana, nos intervalos de conflito entre o “interesse” e a “comunicação”. Finalmente, da própria Vida do/no Mundo em todos os seus planos e momentos. Neste quadro de oponentes dificilmente reconciliáveis, em uma outra dimensão de enfrentamentos por/contra poderes e sentidos, o que está em jogo é um enfrentamento entre instituições de defesa das propriedades, das identidades sociais e dos estilos consagrados de uma vida desigual e perversamente “próspera”, por ser a credora direta dos “benefícios” dos estilos atuais de desenvolvimento *versus* antigas e novas instituições e *movimentos sociais* dedicados a criar e a difundir modelos alternativos de comunicação, de cooperação e de vida solidariamente dialógica e comunal<sup>14</sup>.

Habermas lista, com os olhos postos na Europa, a seguinte relação de movimentos: o *anti-nuclear* e o *ambientalista*, os *movimentos pela paz*, *movimentos de ação cidadã* (em geral *movimentos pelos direitos humanos*), os *movimentos alternativos* (dos *movimentos de ocupantes urbanos alternativos de prédios* aos *movimentos de propostas de vida alternativa no campo*<sup>15</sup>), os *movimentos de minorias* (idosos, homossexuais, “handicapados”, são os lembrados por Habermas), os *movimentos da pessoa*, entre os *grupos sociais de auto-ajuda e de desenvolvimento do eu* e as pequenas novas “*seitas*” de jovens, os *grupos religiosos fundamentalistas*, os *movimentos de resis-*

*tência a impostos, as associações de protesto e participação na gestão escolar, de pais de alunos, os movimentos de resistência às “reformas modernizantes”, os movimentos de mulheres, os movimentos em favor da autonomia regional, lingüística, cultural ou religiosa.*

As idéias de Jurgen Habermas poderiam sugerir uma espécie de re-orientação de nosso olhar. Uma oposição entre instituições e movimentos sociais, ao pensá-los através das variações ocorridas em uma cronologia recente, tende a colocar como antagonicos os *movimentos tradicionais* e os *novos movimentos sociais*. Dentro de um campo de enfrentamentos passados e presente de/entre cenários, atores pessoais e grupos civis, existe uma outra oposição, e provavelmente ela é mais reveladora de divergências, enquanto a primeira talvez revele apenas diferenças. Ora, esta segunda oposição está no antagonismo entre *instituições* e *movimentos* dirigidos à salvaguarda de interesses, de privilégios e de posições sociais *versus* os *movimentos e instituições* motivados à resistência à colonização da vida e a diferentes formas de lutas em nome da revisão do “social consagrado” e em nome de uma múltipla ação transformadora de estruturas, de processos, de estilos e de gestos de vida, tanto no curso da história quanto na experiência do cotidiano. Já que na atualidade de um lado e do outro das fronteiras ideológicas existem e proliferam associações e movimentos sociais, o que os opõe não é o plano específico de seu campo e atuação, mas a vocação política atribuída a tal ação.

<sup>14</sup> Uma leitura livre e desde o 3º Mundo de idéias de Habermas, na página 35. Ele prossegue: This criterion allows us to separate the old middle class protest against the threat which major technical projects posed to neighborhoods, parent’s protest against comprehensive schools, the tax protest (...), and even most independence movements, from the core of the new conflict potential; i.e., from the *youth and alternative movement*, for which a critique of growth based on *environmental and peace concerns* provides the common focus. I would like to support, at least cursorily, the argument that these conflicts can be understood as resistance to tendencies to colonize the life-world.

<sup>15</sup> Existe já há vários anos no Brasil um *movimento de comunidades alternativas*. Eles se congregaram na *Associação Brasileira de Comunidades Alternativas* (que alguns preferem dizer: “*aquarianas*”) – ABRASCA. Publicam boletins e realizam encontros nacionais a cada ano. É um caso especial, pois a unidade constitutiva não é um “movimento”, mas cada comunidade de vida alternativa. Ao que eu saiba, não existe sequer um “movimento de comunidades alternativas”, mas apenas a “Associação” que as congrega. Nem todas as comunidades alternativas estão associadas à ABRASCA. Entre as associadas estão tanto comunidades “laicas” isto é, não diretamente vinculadas a nenhum grupo confessional, e comunidades religiosas, como as do *Movimento Hare Khrisna*.

Há uma característica muito importante na atualidade de todo o campo dos *movimentos sociais*. Chama a atenção o fato de que ela tenha sido ainda pouco levada em conta em boa parte dos estudos sobre o assunto. Vejamos. Muito embora uma das características marcantes dos *movimentos sociais* do momento presente, seja a vocação à autonomia “de cada um” em suas propostas e em suas ações, cada vez mais a força efetiva destas ações na realização de projetos locais ou em um círculo geográfico e temático mais amplo, está concentrada na contínua e crescente formação de *redes* e de *frentes* de mútuo apoio e de trabalho posto em comum, mesmo quando aparentemente à distância. Ao mesmo tempo em que cada pequeno *movimento* gosta de ser um guardião atento à sua originalidade e à sua autonomia, todos eles reconhecem a sua extrema limitação e, sejamos realistas, o efêmero de sua existência. Ao lado disto cresce a evidência de que cada vez mais a unidade social da ação social efetiva desloca-se da dimensão restrita a “cada um” e se centra em *redes*, em *teias*, em *alianças* e em “*frentes de*”. Com tudo o que isto contenha de ameaçador e indispensável, cada vez mais o lugar essencial das “reuniões do movimento” desloca-se da mesa redonda da sala para a tela retangular de um computador vinte-e-quatro horas “conectado na internet”. Meu parceiro é quem está comigo... onde quer que esteja.

A “causa dos Povos da Floresta no Acre”, diante das políticas de Estado e frente aos poderes das empresas de mineração, de exploração de madeiras e de colonização predatória da Amazônia através da pecuária, não envolvem mais apenas sindicatos e uniões de seringueiros. Ela obriga a formação de alianças diferenciadas em todas as direções: a) entre *movimentos e associações de classe*, *movimentos pelos direitos humanos* e *movimentos ambientalistas*; b) entre *movimentos autônomos e populares* e *movimentos e associações institucionais* (*comunidades eclesiais de base*, *Comissão Pastoral da Terra*, *Ordem dos Advogados do Brasil etc*); c) entre *centros ou institutos de pesquisa* e *movimentos de ação social direta*; d) entre essas várias espécies de instituições de estudo-e-pesquisa (nacionais e internacionais),

de apoio e solidariedade (idem), de ação militante etc. e partidos políticos associados à causas populares.

De algum modo, cada *movimento social* é a rede de que participa e existe em função da teia de alianças, efêmera ou não, de que faz parte. Cada um deles revisita a identidade de seus sujeitos, bem como a de sua própria vocação de ação compartilhada, a partir de um “com quem estamos”, “em favor de quem”, “a favor do quê”, “contra o quê”. E, aqui, a linha de fronteira entre aliados, aliáveis, indiferentes, antagonônicos e inimigos é definida, ela própria, não pela posição isolada de cada “unidade de atores sociais mobilizados”, mas pela maneira como elas se articulam e combinam. De como, em um campo complexo de opções frente a uma “questão” limitada ou ampliada, elas se aliam, formando na duração longa do tempo, ou a cada momento de seu percurso, uma tessitura de alianças e de conflitos, que configuram a própria qualidade das relações de forças em cada área de ação do campo dos *movimentos sociais*.

Um olhar mais atento ao *campo das unidades de ação social* aprenderia a ver menos este ou aquele *movimento* isolado, tomado em si mesmo e interpretado em função de como estabelece os seus valores de identidade e os seus critérios de intervenção social especializada. Aprenderia a ver não somente o que está acontecendo em cada círculo específico de conflitos restritos e de ações específicas de *movimentos sociais*, como os “de direitos humanos”, os “feministas”, os “ambientalistas”. Aprenderia a ver também desde um vô mais corajoso do olhar, a intrigante tessitura de fios e teias, de redes e de enredamentos entre e através das várias categorias de *movimentos*, ao lado dos campos de forças exercidas nesta ou naquela direção e sempre passível de alterar a sua composição e a sua intensidade. Um complexo tecido frágil e mutante de relações de trocas que, em conjunto e de uma maneira dinâmica e nem sempre previsível, torna vivos e socialmente significativos: a) cada um dos círculos de alianças e de conflitos entre categorias similares de *movimentos sociais*; b) as interações

em múltiplas direções entre *movimentos* de categorias sociais diferentes, mas com vocações de ação dirigidas a um mesmo horizonte, ou a conflitos de projetos; c) as relações marcadas igualmente por alianças, neutralidades táticas ou conflitos entre tipos de *movimentos* e outras instituições da vida social, tanto da sociedade civil (o mundo universitário incluído) quando do poder público direto.

Vejamos em que um pensar mais “local” sobre os *movimentos ambientalistas* ajuda a compreender esta e outras questões.

### A ÁRVORE MÚLTIPLA

É vindo ainda do mais “global”, do mais abrangente e do mais distanciado, que eu desejo chegar ao *movimento ambientalista*.

Quase sempre, quando procuramos ver e compreender a linha de ação social de um movimento social, ela parece desenhada a partir de um feixe de tradições. Feixes de tradições constituem aqui, por exemplo: um campo da ciência ou um circuito interligado de orientações científicas apropriadas por alguma prática social de teor ecológico; um lugar sócio-político de militância, como um “movimento socialista” aberto a problemas ambientais; uma especialização acadêmica, ou uma instituição da academia igualmente aberta a ações de campo; uma religião em si mesma, ou através de algum de seus *movimentos religiosos*; uma néo-espiritualidade ou uma “filosofia de vida e de natureza”. Podemos pensar que qualquer *movimento*

*ecológico* parece realizar a sua autonomia por meio de um contínuo fluxo de escolhas de adesões, de formação de frentes, de redes nacionais e internacionais e de tessituras de alianças entre agências congêneres ou com agências de apoio<sup>16</sup>.

Uma lembrança de Alain Touraine pode ser proveitosa aqui. É em uma direção próxima que ele define categorias de *movimentos sociais* em função dos tipos de conflitos e das negociações de sentido e de poder exercidas entre aliados e adversários, nos mais diferentes campos da vida social<sup>17</sup>. Em seu artigo publicado no ano 1985, e que vimos considerando até aqui, não há referência direta a algo claramente do tipo: “conflitos ambientais”, “conflitos sociais relacionados aos usos da natureza”, e assim por diante. Embora ele reconheça que o conflito social padrão dos movimentos sociais seja a quinta de sua listagem de dez alternativas, podemos reconhecer algumas questões fundadoras dos *movimentos ambientalistas* em alguns outros tipos de conflitos<sup>18</sup>.

Elas não estão propriamente no primeiro tipo, caracterizado por uma busca da realização de interesses corporados, tão peculiar às instituições de salvaguarda de privilégios consagrados e de ações dirigidas pelo investimento em nome de ganhos de bens e de poderes, ao estilo da empresa capitalista.

Mas poderiam estar no segundo tipo, cuja fonte de ação é a reconstrução de uma identidade social, cultural ou política. Poderiam estar aí, sem a radicalidade dos anos 60 e 70, pois não se trata mais

<sup>16</sup> Isto a tal ponto é atual e verdadeiro, que chama a atenção o crescendo de um tipo de “ator ambientalista de internet”. Em algumas Ongs e em alguns movimentos, um tempo grande e crescente de várias pessoas é, virtualmente (no duplo sentido da palavra) dedicado a estar diante da tela do computador e dedicado a contínuas comunicações através de “.com.br” ... ou “o mundo inteiro”. Não se trata apenas do utilizar a informática como um instrumento de trabalho. Trata-se de definir o trabalho “local” nos termos e através das alternativas de sua integração em redes próximas e remotas de aliados e, ou, informantes essenciais.

<sup>17</sup> *A conflict presupposes a clear definition of opponents or competing actors and of the resources they are fighting for or negotiating to take control of...*

*So all kinds of social conflicts have in common a reference to “real” – that is, organized – actors and to ends which are valued by all competitors or adversaries.* Touraine, op. cit. p. 750 e 751.

<sup>18</sup> Ao voltar a fazer aqui referências seguidas ao texto de Touraine, quero estar consciente das críticas oportunas dirigidas a ele, apesar de o considerar um notável esforço de abertura da discussão sobre os movimentos sociais. Destaco em particular as anotações feitas por Matthias Finger em *NGOs and transformation: beyond social movement theory*, entre as páginas 48 e 51 de *Environmental NGOs in World Politics*, editado por Finger e Thomas Princen. 198X, Routledge, Londres.

de subverter no seu todo um sistema político-econômico. O que se busca na malha dos conflitos é o minar tal sistema desde os seus pontos de sustentação, a começar por submetê-lo cada vez mais a um poder civil-cidadão, de que o próprio *movimento social* sonha ser um espelho fiel e uma instância viável e legítima.

Mais cultural do que social em alguns momentos, e mais social do que restritamente político, este pode não ser o propósito fundador dos *movimentos ambientalistas* na sua linha de ação mais direta. E o será, certamente, em uma interação muito próxima e muito visível, por exemplo, na esfera de tangência entre a “questão ambiental” e a educação. Mais ainda, na idéia tão comum, segundo a qual as soluções aos “problemas ambientais” surgem em uma relação direta com uma ampla transformação pessoal desdobrável em círculos interativos de vida e de ação solidária. Um complexo de “mudanças de paradigmas” que envolvem dimensões relevantes dos afetos, das crenças e das idéias. Que desafiam os “velhos modelos das ciências”, os dos imaginários da vida, tanto quanto os projetos (entre os mais realistas e os mais mirabolantes) de construção do futuro e de concepções sobre o sentido das relações entre pessoas e entre elas e o Mundo. Transformações também, e imaginadas como muito profundas, de identidades sociais em num nível amplo e denso, de acordo com a concepção de algumas teorias, tais como a *ecologia da mente* em Gregory Bateson ou a *ecologia profunda* em Arne Ness e de seus seguidores.

Sabemos, ou desconfiamos, que em uma fértil província dos *movimentos ambientalistas* vigora o suposto de que uma alteração radical e fertilizante em todo o seu campo de trabalho, passa menos por uma mudança política das grandes estruturas sociais, e mais por uma transformação contínua de “mentes

e corações” voltados a uma nova “lógica da natureza”, associada a uma nova “ética do ambiente”. Seria arriscado, mas sugestivo sugerir que em direção oposta ou, pelo menos, diversa da dos *movimentos populares* dos anos 60 até hoje, tomados no seu leque mais aberto, os *movimentos ambientalistas* não aspiram transformações no intervalo entre o “local” e o “global”. Uma revolução nacional seja do que for não parece lhes dizer respeito, como na *Ação Popular* dos anos 60 e 70. A “solução radical da questão agrária no Brasil” pode ser um horizonte que compartilhem solidários com o MST, mas apenas de maneira transversal faz parte de suas agendas de trabalho. Ocupando vários pontos equidistantes de uma tal geografia-política dos conflitos e da busca de soluções, eles oscilam entre a Mata Atlântica na Ilha do Cardoso e pan-utopias cósmicas que podem até mesmo, entre os mais imaginativos, irem do coração solitário de cada pessoa até a ordem cósmica de todo o Universo.

Entre um limite e outro, e podendo estabelecer equações de tempo-e-espaço bastante mais flexíveis e mais criativas do que as dos *movimentos populares*, as alternativas de suas intenções de partilha na construção do presente e de futuros, não estão mais ancoradas, vimos, em alguma “revolução social” de modelo único. Elas preferem estar centrada em uma convergência de múltiplas dimensões interativas de mudanças, a começar pelo que algumas pessoas chamam de “transformação interior”, como acabo de sugerir. Uma espécie de “revolução em cascata” de que nada ficasse de fora, mas onde nada ocorresse a partir de um eixo único de mudanças: um eixo político determinante de todos os outros<sup>19</sup>. Podemos nos despedir de Alain Touraine por agora.

Ao classificarem as correntes políticas em vigência no Brasil dos anos 90, Eduardo Viola e Héctor Leis estabelecem a seguinte escala:

---

<sup>19</sup> É bem verdade que uma “conspiração aquariana” foi mais o modelo-de-construção-de-utopias dos anos 70, do que da atualidade. A idéia de uma irreversível e vertiginosa instauração do novo, sob a forma de uma quase explosão em cadeia de outros modelos de ciência, de filosofias de vida, de conversões solidárias a novas idéias e novas sensibilidades, de éticas e de estéticas voltadas à natureza, deu lugar a visões ainda filiadas a interações e integrações entre domínios sociais interligados instauradores de novos tempos para um “novo mundo”. Mas visões bastante mais realistas, mais capazes de esperar por lentas mudanças, dependentes, em muitos casos, de negociações até mesmo com os “inimigos de anos atrás”, como os grandes empresários neo-liberais.

1. Os *conservadores estatistas* — defensores da continuidade do modelo econômico e político vigente, em de uma economia “fechada ao mundo” com políticas públicas fortemente reguladoras e uma indiferença plena ou relativa pela questão do meio ambiente;

2. Os *revolucionários estatistas* — seguidores de modelos marxistas clássicos, arautos de uma política de igualdade social e uma produtividade elevada e “fortemente estatizada”, “com mínima consideração pela questão ambiental”;

3. Os *modernizadores néo-liberais* — defensores do “Estado mínimo”, associado a uma abertura ampla da economia ao mercado mundial, e praticantes também mínimos de propostas de equidade social e de sustentabilidade ambiental;

4. Os *modernizadores social-democratas* — adeptos de uma abertura seletiva à economia mundial, favoráveis moderados a uma privatização do setor produtivo estatal ao lado de um Estado ainda forte e responsabilizado pelo bem-estar e a justiça social, “mas levando minimamente em consideração a sustentabilidade ambiental”;

5. Os *modernizadores social-democratas sustentabilistas*, os que defendem uma posição equivalente à dos *modernizadores social-democratas* incorporando, no entanto, a sustentabilidade e a responsabilidade social pelo meio-ambiente em suas agendas, por acreditarem “na viabilidade da combinação sinérgica do desenvolvimento econômico com proteção ambiental (assumindo explícita e implicitamente o conceito de “revolução ambiental: a terceira grande revolução depois da agrícola e da indústria”<sup>20</sup>.

Como um quadro de semelhanças e de diferenças, a classificação é bastante útil. Ela deixa em branco outras linhas de força, provavelmente pelo fato de que ela não se ocupa de grupos politicamente articulados segundo estilos próximos aos que desenharam uma boa parte dos *novos movimentos sociais*. Seria interessante lembrar aqui duas outras correntes. A primeira é a dos *modernizadores néo-socialistas*, não diretamente associados a propostas marxistas, como parte dos políticos e grupos internos a partidos como o PT. E, alguns surgem uma crescente preocupação de tipo ambientalista. A outra seria a dos grupos e movimentos francamente ambientalistas, mas cujas agendas de críticas e de propostas de criação social (alguns deles diriam: “espiritual”) do futuro não se enquadram em nenhum dos casos antecedentes.

Anos antes Eduardo Viola escreveu um ensaio crítico a respeito do *movimento ecológico* no Brasil, que se tornou bastante conhecido. Vale a pena voltar com ele a um pensar sobre alguns estilos de antigos e novos movimentos sociais<sup>21</sup>.

Ao considerar os “outros movimentos sociais”, ele os agrupa em três planos, de acordo com a sua direção central de atuação. O *movimento operário e camponês*, cujo foco tem a ver com o que se passa na estrutura produtiva da sociedade e cuja orientação é classista; os *movimentos de ação local* (o termo é meu), como as *associações de moradores*, as *comissões locais de saúde*, as *associações de pais e mestres* etc.; e os *movimentos de direitos à diferença* (o termo é também meu), como o *movimento feminista*, os *de estudantes*, os *de minorias étnicas* e outros<sup>22</sup>.

Ao descrever os termos da origem e de

<sup>20</sup> *O ambientalismo multissetorial no Brasil para além da Rio-92: o desafio de uma estratégia globalista viável*. in: Viola, Eduardo, Leis, Héctor et all. *Meio ambiente, desenvolvimento e cidadania – desafios para as ciências sociais*. 1995, Cortez Editora/ Editora da UFSC, São Paulo, p. 134 a 160. A parte aqui sintetizada está na página 143 e a classificação segue o artigo anterior, de Gisela Alencar e Eduardo Viola, *Desenvolvimento sustentável: o Brasil no mundo pós-Rio 92*. A parte final da citação faz referência a um texto de Lester Brown, *Qualidade de vida – 1992: Salve o Planeta!*, 1992, Globo, São Paulo.

<sup>21</sup> *O movimento ecológico no Brasil (1974-1986): do ambientalismo à ecopolítica*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, n° 3, vol. 1, fev. 1987, p. 5 a 26.

<sup>22</sup> Eduardo Viola, op. cit. p. 7.

uma identidade mais abrangente dos *movimentos ecológicos*, Eduardo Viola trás algumas idéias que quero transcrever aqui, por acreditar que se trata de uma das compreensões mais abertas e claras a respeito de nosso tema. Eis o que ele escreve.

Os movimentos ecológicos são parcialmente herdeiros da cultura socialista e particularmente da crítica marxista da ética utilitarista (Ramos, 1981). O ecologismo critica o utilitarismo não apenas nas relações no interior da sociedade (como o faz o marxismo) mas também, e fundamentalmente, nas relações sociedade-natureza. Os movimentos ecológicos e pacifistas constituem-se num ponto de inflexão na história da mobilização social e da ação coletiva: trata-se de movimentos portadores de valores e interesses universais que ultrapassam as fronteiras de classe, sexo, raça e idade. (...) Os movimentos ecológicos e pacifistas são extremamente complexos desde o ponto de vista sociológico: sua base social atravessa definitivamente as fronteiras de classe (participam profissionais de alta qualificação, estudantes, camponeses, colarinhos brancos, funcionários públicos, operários, pequenos empresários executivos); sexo (participam homens e mulheres) raça (geralmente há participação de minorias étnicas); idade (desde jovens estudantes e crianças do primário até aposentados) (...) O movimento ecopacifista tem o potencial de incorporação da grande maioria da humanidade (a paz e o equilíbrio ecológico estão diretamente associados à própria sobrevivência da espécie); exceto somente os agentes sociais que ocupam as posições dominantes do

complexo militar-industrial-científico na maioria dos países, que são intrinsecamente portadores da lógica predatório-exterminista do mundo contemporâneo<sup>23</sup>.

Ora, uma cronologia de fundações e das mudanças de quadros e de orientações no *movimento ecológico* no Brasil atravessa as seguintes etapas, de acordo com Eduardo Viola.

1°. *O movimento ecológico na fase ambientalista*, entre 1974 e 1981, quando em seu período ainda nascente surgem duas frentes de orientação, paralelas e relativamente independentes: *os movimentos de denúncia da degradação ambiental* e *as comunidades alternativas rurais*. Estas últimas são aquelas em boa parte associadas à ABRASCA, a que fiz referência em uma nota, linhas atrás<sup>24</sup>.

2°. *O ecologismo em transição*, entre 1982 e 1985, correspondente ao período da “abertura democrática” no País, quando começa a ocorrer uma aproximação entre as entidades de mobilização ambiental e o processo político, ao lado de um surgimento e fortalecimento de movimentos urbanos com agenda ambiental e de uma aproximação entre as comunidades rurais alternativas e os movimentos de denúncia e mobilização<sup>25</sup>.

3°. *A opção ecopolítica em 1986*, que se inicia com a fundação do *Partido Verde* e a abertura de possibilidades de intervenção no processo constituinte.

Em 1986 o movimento ecológico brasileiro pare-

---

<sup>23</sup> Eduardo Viola, op. cit. p. 6 e 7.

<sup>24</sup> De alguma maneira, estas *comunidades alternativas rurais*, divididas entre as de origem e vocação religiosa e as laicas, observam a resposta social oposta aos conflitos nacionais na tipologia dos conflitos gerados de *movimentos sociais* proposta por Alain Touraine. Ela dá a elas, de modo muito genérico e abrangente, o nome de: *neocomunitarismo*. e elas representam um esforço, via negação do processo social, contrário à realização de mudanças sociais importadas e cujo efeito perverso é, entre outros, a destruição de valores culturais tradicionais. A diferença está em que as comunidades alternativas associadas ao ambientalismo: a) dão uma ênfase absoluta a tradições associadas ao “amor à natureza” e ao respeito absoluto a suas regras, ritmos e direitos; b) podem ser o resultado de uma súbita incorporação no Brasil e em algum lugar local concreto, de uma “tradição importada”, como uma religião oriental. Touraine, op. cit. p. 758.

<sup>25</sup> Em três anos que vão de 1982 a 1985 tinham se processado mudanças cruciais na orientação do movimento ecológico: a grande maioria de 82 não queria nenhum tipo de envolvimento nas eleições, a grande maioria de 85 é favorável ao envolvimento direto do movimento nas eleições apoiando candidatos emergidos do interior. Touraine, op. cit. p. 18.



ce ter atingido um ponto de maturação sem retorno: seu crescimento quantitativo, qualitativo e cumulativo, longe, portanto, do padrão cíclico que apresentam outros movimentos sociais (...) A origem sócio-cultural dos ativistas ecologistas continua sendo universitária, ainda que de modo menos exclusivo do que no passado e a participação proporcional das mulheres cresceu muito. As estruturas do movimento são muito fluidas, poderíamos dizer, caóticas, desde uma ótica política tradicional, ainda que relativamente pertinentes a seu principal objetivo, o de expandir a consciência ecológica, ecologizar a sociedade<sup>26</sup>.

Vários anos depois e tratando de “novos movimentos”, Eduardo Viola não resiste utilizar uma palavra tão cara aos *movimentos populares* dos 60 e 70, e que o próprio Paulo Freire aos poucos deixava na penumbra, esquecida, substituída por outras fórmulas mais sonoras aos novos tempos: “consciência”. Mas uma sutil diferença marca toda a quase oposição entre um tempo e o outro. Qual é ela? Esta: “conscientizar”, no sentido de tornar o sujeito social um ator político de sua classe através de uma progressiva transformação de sua capacidade pessoal de pensar por conta própria, de dispor-se ao diálogo e de aprender a ler criticamente a sua condição social e as contradições de seu mundo cotidiano *versus* “expandir a consciência”, traduzindo o estender planos de visões de Mundo e da Vida em todas as pessoas, em todas as categorias de sujeitos, com o propósito de torná-los sensíveis a uma nova relação para com o mundo natural. Sensíveis e motivadas a

uma abertura à participação através de uma ampliação contínua de diálogos críticos e criativos da pessoa humana com ela mesma (consciência de si), com os seus outros (consciência do outro) e com o seu mundo... social/natural (consciência do Mundo)<sup>27</sup>.

Viola fala de um tempo que acaba em 1986 e sugere que quase tudo começou a acontecer depois, inclusive após a ECO 92 e a ECO+5. Ao identificar vocações ecológicas visíveis em 1986, ele as dispõe assim: *ecologistas fundamentalistas, ecologistas realistas, ecocapitalistas e ecosocialistas*. Sabemos que inúmeros “praticantes” de uma ou outra destas tendências não aceitariam o que chamariam de “rótulos” postos sobre as suas identidades de militantes<sup>28</sup>.

Seria possível aproximar esta relação de quatro tendências a outros setores de agenciamento da mobilização e da participação social. Também entre outros tipos de *movimentos sociais*, tendências semelhantes costumam compartilhar espaços de teoria e prática, ou competir por eles. Uma variante sobre quem qualificadores como: “religiosa”, “confessional” ou “espiritual” fica melhor do que o “fundamentalista”, sugerido por Viola para ao caso dos *movimentos ecológicos*. Acredito que o lugar e a vocação de pessoas, de pequenos grupos inseridos em movimentos, ou de movimentos sociais desde uma afiliação religiosa são bastante maiores e mais ética e politicamente conseqüentes do que estudos de uma “sociologia profana” costumam imaginar<sup>29</sup>.

<sup>26</sup> Eduardo Viola, op. cit. p. 20 e 21.

<sup>27</sup> Mas esta afortunada “trilogia da consciência” tão hegeliana, já era ensinada no começo dos anos 60 pelo padre Henrique da Lima Vaz aos jovens militantes da Juventude de Ação Católica. Eu a ouvi, de viva voz, mais de uma vez, também nos encontros de estudos do *Movimento de Educação de Base*. Alguns de nossos “documentos de estudo” punham no papel estas idéias, que levavam a planos mais amplos as próprias idéias de “conscientização” em Paulo Freire.

<sup>28</sup> Ele diz isto: *Seguindo a tendência mundial a posição ecologista (realista? CRB) é definitivamente predominante no interior do movimento ecológico brasileiro em 1986, à diferença de 1982, quando os fundamentalistas estavam equilibrados com os realistas ou em 1978 quando os fundamentalistas eram majoritários. Os ecologistas fundamentalistas e os ecosocialistas (estes somente começaram a emergir em 1982) ocupam uma posição secundária no seio do movimento ecológico, ficando para os ecocapitalistas uma posição marginal. Apesar desta posição marginal no movimento social, os ecocapitalistas ocupam lugares estratégicos nas agências estatais do meio ambiente. De outro lado, os setores de classe média “cultura” que se tornaram sensíveis à proposta ecologista nos últimos anos identificam-se vagamente com o ecocapitalismo. Este, marginal no movimento social autônomo, é predominante na opinião pública e no aparelho estatal. p. 21.*

<sup>29</sup> Conheço poucos estudos sobre este cruzamento de vocações religião-natureza, ou confessional-ambiental, como o artigo de Luis

Duas outras tendências dividem os polos de qualificação política de projetos e de identidades. Uma delas se confunde com uma orientação capitalista ou néo-capitalista e, a outra, com uma das escolas socialistas possíveis. A diferença está em que no amplo campo dos *movimentos sociais* dificilmente alguém se reconhece como defensor de uma aberta “alternativa capitalista”, enquanto uma identidade socialista é, não raro, o principal qualificador de auto-imagens de militantes sociais de anos antes e mesmo de agora. Finalmente, uma tendência de “militância laica” pode ser localizada a uma quase igual distância dos movimentos de fundamentos espirituais ou religiosos e dos movimentos com uma marcada afiliação de teor político-ideológico. Ela recobre o ideário de *movimentos pacifistas*, de *movimentos feministas*, e de *outros movimentos de cidadania e direitos humanos*. Também uma boa parte dos *movimentos ambientalistas* nega uma qualquer ideologia política ou uma opção religiosa, e faz de uma leitura própria ou partilhada com outros, a matriz de seu ideário. Para eles a vocação-natureza e alguma rama de ecologismo crítico e militante são suficientes como fundamento teórico e ideológico da ação ambientalista.

Ao se colocar desde o ponto de vista das unidades de militância cujo fundamento da ação social é esta própria vocação ecológica, Eduardo Viola deixa na penumbra todo um espaço do campo ambiental onde as instituições e os *movimentos ecológicos* estabelecem fronteiras, umas claras e demarcadas, outras, ainda ou sempre indefinidas. Fronteiras com tipos de: aliados, de vizinhos, de desconfiados e de até de relativos antagônicos, situados na outra margem do rio. Mas de um mesmo rio, vindo de fontes múltiplas originadas em algum mesmo lugar e viajando para um outro também múltiplo mesmo lugar. Um rio que deságua em um delta de várias saídas a um mesmo mar. Lembro que estou preferindo falar de unidades de estudos e pesquisas e de agências socioculturais de pensamento e de ação “motivadas pela natureza”. Motivadas direta

ou indiretamente, mas tendo nela e no que denominamos “meio ambiente” um fator de ação social de importância cada vez maior.

No outro estudo já mencionado aqui, Eduardo Viola e Héctor Leis ampliam ainda mais o território das vocações ambientais. Ao pensar todas as formas de envolvimento com a questão ecológica, eles propõem uma relação não mais restrita a *movimentos ambientalistas*, mas ao *ambientalismo* das diferentes vocações de causa-e-luta social. Esta é também a abordagem que estou preferindo aqui. E elas se distribuem desta maneira, quando pensamos em um amplo “ambientalismo brasileiro”:

. O *ambientalismo stricto sensu*: as associações e grupos comunitários ambientalistas diferenciados internamente em três categorias: os profissionais, os semiprofissionais e os amadores, e que alcançavam um total de aproximadamente setecentas instituições em 1989;

. O *ambientalismo governamental*: as agências estatais do meio ambiente em seus três níveis: o nível federal, o estadual e o municipal;

. O *sócio-ambientalismo*: as organizações não-governamentais, sindicatos e movimentos sociais que possuem outros objetivos precípuos, mas que incorporam a proteção ambiental como uma dimensão relevante de sua atuação;

. O *ambientalismo dos cientistas*: as pessoas, grupos e instituições que realizam pesquisa científica sobre a problemática ambiental;

. O *ambientalismo empresarial*: os gerentes e empresários que começam a pautar seus processos produtivos e investimentos pelo critério da sustentabilidade ambiental;

. O *ambientalismo dos partidos profissionais*: os quadros e lideranças dos partidos existentes

---

Eduardo Soares, *religioso por natureza*, ele saiu originalmente em *sinais dos tempos*, em edição coordenada por Leilah Landim, e publicado pelo Instituto de Estudos da Religião, no Rio de Janeiro, em 1990.

que incentivam a criação de políticas específicas e trabalham para incorporar a dimensão ambiental no conjunto das políticas públicas;

. O *ambientalismo religioso*: as bases e representantes das várias religiões e tradições espirituais que vinculam a problemática ambiental à consciência do sagrado e do divino;

. O *ambientalismo dos educadores*, indo da pré-escola, primeiro e segundo graus e envolvendo não só educadores de carreira, mas também jornalistas e artistas fortemente preocupados com a problemática ambiental e com a capacidade de influir diretamente na consciência das massas<sup>30</sup>.

Haveria pouco a acrescentar a esta lista. Aí estão, entre a religião e a ciência, entre a esquerda e a direita, entre o empresário, a “classe média culta” e os “setores populares”, as agências sociais de vocação ou de tangência ambiental existentes entre nós.

Ora, ao pensar com Eduardo Viola e Héctor Leis estas variantes, e ao simplificar um pouco o que existe entre nós hoje em dia no interior do todo de um campo social de valor-natureza e de vocação-ambiente, quero reconhecer quatro vertentes de instituições e/ou movimentos envolvidos de alguma maneira aí. Instituições e movimentos que se auto-reconhecem como direta e muito motivadamente: “ligados à natureza”, “identificados com a natureza”, “preocupados com o meio ambiente”, “comprometidos com a defesa do meio ambiente” e assim por diante. Movimentos e instituições que assinam manifestos e que abrem “frentes de luta” ou “de apoio” por contra própria ou participam de frentes de ação ambientalista em plano local, regional, nacional ou mesmo internacional. Instituições que mesmo quando não possuem como primeiro qualificador o termo “ambientalista”, declaram vivenciar vocações e possuir vínculos orgânicos essenciais com o *movimento ecológico*, em alguma esfera específica de seus objetivos de ação social.

Em cada uma delas há um eixo de origem que se conecta com a dimensão *ambientalista* dentro de uma convergência de motivações comuns. Assim sendo, elas podem ser escritas desta maneira: *eixo ciência-ambiente*; *eixo política-ambiente*, *eixo arte-ambiente* e *eixo religião-ambiente*.

De maneira geral os estudos sobre as instituições e os movimentos ecológicos ou ambientalistas levam em conta os dois primeiros eixos e, quando muito, consideram os outros dois como formas associadas por tangência com a questão ambiental. Ora, ao invés de caracterizar cada um destes eixos de acordo com os seus atributos mais diferenciadores, prefiro proceder de uma outra maneira. Descrevo o que vejo existir e acontecer à minha volta, sem estar preocupado com a legitimidade objetiva de uma dimensão propriamente ecológica ou ambientalista. O que quero lembrar é que, de uma maneira vivida e co-participada, sempre que estou “as voltas” com pessoas e com grupos sociais “participantes da questão ambiental”, eu me vejo às voltas muito mais com a diferença do que com a uniformidade. Muito mais com uma polissemia de vocações do que com um padrão único ou de algum modo dominante.

A vocação ambiental em minha experiência recente transita entre o *NEPAM* da *UNICAMP*, o “*Águas Claras*”, que eu mesmo ajudei a fundar no Sul de Minas, o *Instituto de Pesquisas Ambientais*, em Nazaré Paulista, o *Movimento dos Artistas pela Natureza* em Brasília, os *Brama Kumaris* do Rio Grande do Sul, a *Comunidade Hare Krishna Nova Gokula* em Pindamonhangaba, a *Fundação Peirópolis* de Uberaba, a *Associação dos Povos da Floresta*, do Acre, o *Laboratório de Educação e Políticas Ambientais* da *ESALQ/USP*, em Piracicaba e o *Instituto Sócio Ambiental* de São Paulo. Embora seja evidente que alguns tipos de ONGs e/ou de movimentos sejam e se representem como mais profissionais do que outros no que toca a objetividade social da “questão ambiental”, a grande

---

<sup>30</sup> Viola e Leis, op. cit. p. 135.

verdade é que neste generoso território de todos e de ninguém, quando algo importante acontece em uma pequena cidade ou em todo o País, uma imediata convergência de aliados se ergue e em coro se faz ouvir.

É a respeito desta sonoridade múltipla e de suas convergências e diferenças de sinfonias e de harmonias que me parece sugestivo falar um pouco. Nem que seja para compreender o que de fato está acontecendo, não tanto no nível da ordem das estruturas formais da sociedade, mas do lado vivo dos acontecimentos cotidianos que sempre insistem em desacatar a sua discutível ordenação oficial. Falar sobre algumas polaridades que estão sempre presentes e demarcam a fragilidade persistente de suas ênfases de vocações. E, assim, estabelecem dentro de um amplo círculo comum de alianças e de conflitos: as irmandades, as cumplicidades, as vizinhanças, os distanciamentos e até mesmo as pequenas hostilidades, sem as quais nada do que é humano é também social. E nada do que, sendo uma coisa e a outra, descobre enfim a sua vocação ambiental.

Ao invés de propor uma nova classificação de modelos de agenciamento da questão ambiental, prefiro sugerir algumas polaridades-convergências que parecem estar sempre presentes. Elas são estas: local x universal; foco na comunidade x foco na natureza; ciência/tecnologia x religião/espiritualidade; política x poética; ação direta x ação pedagógica; contrato social x contrato natural. Veremos logo a seguir que o “x” nem sempre representa uma oposição, mas, algumas vezes os pólos de tendências convergentes.

De acordo com as ênfases assumidas e com as combinações entre elas, as pessoas, os pequenos grupos de interlocutores, as associações mais formais costumam tomar uma ou outra direção como uma tendência de envolvimento e partilha social da “questão do meio ambiente”. Ou então combinam traços de vocação e de identidade de ambas as tendências polares, de modo a criar o que vemos acontecer na prática do campo das vocações ambientalistas: uma diversidade ampla de estilos de tessitura do imaginário utópico, da lógica do pensamento,

da ação política, da intenção ética e até da espiritualidade, interligadas das mais diferentes maneiras para constituírem os fundamentos de um modo de ser e conviver uma vocação realizada como um tipo de *movimento ambientalista* ou de um *movimento social* de vocação também *ambiental*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentar compreender a dimensão assumida pelos movimentos ambientais torna-se para nós uma busca imprescindível para revelar os novos sentidos e significados que permeiam a sociedade atual. Estamos assistindo a uma mudança significativa das estruturas que embasam os movimentos sociais. Estes novos movimentos procuram agora uma transformação contínua de “mentes e corações”, voltados a uma nova “lógica da natureza”, associada a uma nova “ética do ambiente”. Não estão centrados mais em um modelo único de alguma forma de revolução, mas numa convergência de múltiplas dimensões interativas de mudanças.

Entre os movimentos que assumem atualmente sua vocação ambientalista, estão presentes uma grande variedade de grupos, entre a religião e a ciência, entre a esquerda e a direita, entre o empresário e classe média culta e os setores populares e as agências sociais com tendência ambiental. São movimentos que, direta ou indiretamente, assumem a causa da Natureza, se comprometem com a defesa do meio ambiente, que, mesmo não possuindo uma identidade ambientalista, declaram possuir vínculos com estes dentro de alguma esfera específica de seus objetivos de ação social.

A vocação ambiental assumida por esses movimentos caracteriza-se muito mais pela diferença do que pela uniformidade. Há uma polissemia de vocações que contribuem para a convergência de interesses comuns de grupos ligados à Natureza, que se fazem presentes nas diversas esferas de suas propostas. Atuam e se interagem por meio de polaridades e convergências tanto local como global; centrados ora na comunidade, ora na natureza, com tendência, por vezes científico/tecnológica, por

outras, religiosa/espiritual e assim por diante, divergentes entre si, mas continuamente convergentes em sua essência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGENDA LATINOAMERICANA 2001. São Paulo: Editora Olho D'Água, 2001.

ALENCAR, G.; VIOLA, E. *Desenvolvimento Sustentável: O Brasil no Mundo após Rio – 92*. in: LEIS, H.; VIOLA, E. (orgs.). **Meio ambiente, desenvolvimento e cidadania**. Cortez Editora, São Paulo, 1995.

ARANTES, P. E. *Esquerda e Direita no Espelho das ONGs*. In: **ONGs, identidade e desafios atuais**. Rio de Janeiro: ABONG, 2000.

BRANDÃO, C. R. **Somos as águas puras**. Campinas: Papyrus, 1994.

FERREIRA, L.C. **Os ambientalistas brasileiros, os direitos sociais, a razão e a natureza**. s/d.

FINGER, M.; PRINCEN, T. **Environmental NGOs in world politics**. Routledge. Londres, 1988.

FOLHA DE SÃO PAULO. Caderno Especial: *Voluntariado*, Domingo, 1º de abril de 2001.

HABERMAS, J. **New social movements**. *Telos*, nº 45, 1981.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LEIS, H; VIOLA, E. *O Ambientalismo Multisetorial no Brasil para Além de Rio 92: os desafios de uma estratégia viável*. In: LEIS, H.; VIOLA, E. (orgs.). **Meio ambiente, desenvolvimento e cidadania – desafios para as ciências sociais**. Cortez/ Editora da UFSC, São Paulo, 1995.

LESTER, B. **Qualidade de vida 1992 – salve o planeta**. Globo Editora, São Paulo, 1997.

LÉVI-STRAUSS, C. **Le regard éloigné**. Paris: Plon, 1983.

MATURANA, H. **A árvore do conhecimento**. Campinas: Editora Psy II, 1995.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EDUSP, 1974.

MARCUSE, H. **A ideologia da sociedade industrial**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

NEDONCELLE, M. **Para uma filosofia do amor e da pessoa**. Porto: Livraria Moraes Editora, 1961.

NERFIN, M. Neither Prince nor Merchant: Citizen – An Introduction to the Third System. **IFDA Dossier** nº 56, p. 3-29 (reproduzido em *Development Dialogue*, 1987, nº 1, p. 170-195).

OFFE, C. *New Social Movements – challenging the boundaries of institucional politics*. **Social Research**, vol. 52, nº 4, Winter, 1985.

SOARES, L. E. *Religioso por Natureza*. LANDIM, L. (org.). In: **Sinais dos Tempos**. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos da Religião, 1990.

VIOLA, E. *O Movimento Ambientalista no Brasil (1974–1980): do autoritarismo à política*. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, nº 3, vol. 2, 1987.

TOURAINÉ, A. *An Introduction to the Study of Social Movements*. **Social Research**. vol. 52, nº 4, Winter, 1985.

TURNER, V. **O Processo Ritual**. Petrópolis: Vozes, 1974.